

Relato de Experiência

ENSINO DE FILOSOFIA NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE, PARAÍBA: PRIMEIROS ESTUDOS¹

Roberto Rondon²

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo apresentar algumas considerações sobre a pesquisa realizada a partir das experiências com o ensino de Filosofia no cotidiano das escolas municipais de Campina Grande, estado da Paraíba, Brasil, durante o ano de 2009.

RESUMEN: El objetivo del presente estudio es presentar algunas consideraciones sobre la investigación realizada a partir de experiencias con la enseñanza de la Filosofía en el cotidiano de las escuelas municipales de Campina Grande, estado de Paraíba, Brasil, durante el año de 2009.

Esta exposição não se apresenta em absoluto como uma explicação. E mesmo se a empreendi, foi em grande parte porque sei que nunca alguém pode conhecer-se, mas tão somente contar-se.

Simone de Beauvoir

Gostaríamos de iniciar esse texto com a afirmação de que, para nós, a aprovação da lei 11.684/2008, que incluiu a Filosofia como disciplina obrigatória no Ensino Médio, significou um fato extraordinário em nossa história por possibilitar a democratização, pela primeira vez nesse país, desse campo do conhecimento historicamente reservado às elites, uma vez que ela chega num momento de franca expansão do ensino médio, com índices de ingresso nunca antes alcançados.

Não que tenhamos uma visão “redentora” da Filosofia (ou da própria educação escolar), atribuindo a ela o poder de despertar o pensamento crítico, levar ao “cuidado de si”, ou a formação da “auto poiesis”. Mas, simplesmente,

¹ Texto apresentado no *II Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Filosofar e Ensinar a Filosofar* da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), ocorrido no Rio de Janeiro, nos dias 10 e 11 de setembro de 2009. A presente versão contém acréscimos e aprofundamentos.

² Professor da Universidade Federal da Paraíba. rondon.roberto@uol.com.br

RONDON, Roberto; Ensino de filosofia nas escolas de ensino fundamental do município de Campina Grande, Paraíba: Primeiros estudos. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 14, mai-out/2010, p. 90-101.

acreditamos que o grande passo que a lei nos possibilitou foi, nesse momento, dar a possibilidade para uma parcela importante da sociedade brasileira que frequenta o ensino médio, em suas mais diferentes modalidades, de ter um primeiro contato com esse campo milenar de conhecimento desenvolvido pela humanidade. Isso sem falar no aprofundamento das discussões e mobilizações que a tem expandido também nas demais fases da educação formal.

Partindo desse pressuposto, caminhamos para o nosso objetivo que é o de elaborar uma pequena apresentação sobre os primeiros aspectos encontrados no estudo realizado sobre algumas experiências com o ensino dessa disciplina no Ensino Fundamental nas escolas do município de Campina Grande, no estado da Paraíba, no ano de 2009, quanto aos materiais e métodos que estão sendo utilizados, perfis dos docentes, impressão dos alunos e condições estruturais em que estão sendo desenvolvidos esses trabalhos. Para isso utilizamo-nos de entrevistas com os docentes e alunos; levantamento de materiais didáticos; observação das aulas e análise dos relatórios de estágio dos alunos da Universidade.

Acreditamos que tal reflexão vem ao encontro de uma necessidade apontada por alguns professores nos últimos encontros do Grupo de Trabalho *Filosofar e Ensinar a Filosofar* da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), que é o de elaborar estudos de caso que possam nos fornecer elementos para refletir sobre o que tem sido feito com a disciplina Filosofia nos vários estados e localidades da federação, visando construir um amplo painel das experiências desenvolvidas e a proposição de intervenções locais e/ou nacionais.

Desde a nossa chegada à Universidade Estadual da Paraíba, em agosto de 2007, temos realizado uma série de intervenções em diversos espaços com o objetivo de ampliar as preocupações sobre a questão do ensino de Filosofia na educação básica naquele estado, porém com resultados ainda muito frágeis, devido em grande parte, ao descaso com que a questão é tratada por grande parte dos docentes dos cursos de Filosofia das universidades do Estado e a ausência até então, do componente nos currículos escolares. Partes dessa trajetória foram narradas em nossas comunicações no último encontro da ANPOF, em Canela, Rio Grande do Sul, em 2008; e do GT, no Rio de Janeiro, em 2009.

A Paraíba conta hoje com três cursos de graduação em Filosofia: na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa e dois mais recentes em Campina Grande: o da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), iniciado em 2005, que formou a primeira turma no final do ano de 2008 e o da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), criado em 2008. Além disso, possui um curso desenvolvido pela Faculdade de Teologia e Filosofia, mantido pela Diocese, ainda em processo de reconhecimento.

O Grupo de Estudos, iniciado por nós em 2007, transformou-se num grupo de pesquisas no final de 2008, contando hoje com a participação alunos do curso de licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba e professores das redes estadual e municipal de Campina Grande, com uma frequência variável. Ele desenvolve-se através de uma reunião semanal, durante duas horas, onde são discutidas questões observadas pelos alunos e professores em seu cotidiano, mas sempre com uma ênfase na leitura e debates sobre textos relacionados ao ensino de Filosofia, documentos oficiais e textos diversos sobre educação, sociologia e filosofia, voltados principalmente a temas como juventude, relações de gênero e trabalho. Com o início das atividades de pesquisa, escolhemos as escolas municipais como primeiro objeto de estudos já que muitos dos alunos participantes do grupo iniciaram seus estágios nessas e demonstraram o interesse em aprofundar seus estudos.

Na rede municipal³, a disciplina foi inserida em 2008, nas 4 séries do ensino fundamental 2, com uma aula semanal na 5^a. e na 6^a. série e duas aulas semanais na 7^a.e 8^a. série. As escolas funcionam, geralmente, nos três períodos com um público que vai de crianças e jovens em idade escolar compatível com a série, até adultos (no período noturno) que cursam o ensino regular.

Os professores em exercício no município foram efetivados através de concurso público realizado no segundo semestre de 2007 e nem todas as vagas

³ Na rede estadual, ainda que a lei estadual já existisse desde 2007, a disciplina, em conjunto com a Sociologia, começou a ser ministrada em abril de 2009, já com o ano letivo em andamento, com a contratação dos docentes aprovados no concurso público realizado em janeiro. Com pouquíssima mobilização por parte de professores e alunos e, ainda sem tempo para elaboração de reflexões coletivas sobre as práticas desenvolvidas, o quadro em andamento não é dos melhores. Embora não seja esse o nosso problema no âmbito desse estudo, temos acompanhado com preocupação o desenvolvimento desse processo.

foram preenchidas por professores licenciados na área, pois o edital do concurso previa a possibilidade da concorrência de licenciados em Sociologia, o que de fato ocorreu em alguns casos. Porém, muitos desses docentes possuem mestrado em Filosofia ou Educação, sendo que alguns deles, inclusive, já trabalharam ou trabalham como substitutos nas Universidades Públicas, ou contratados nas Faculdades privadas da cidade, nas escolas particulares, além de terem ingressado no ensino médio da rede estadual, em 2009.

Se de um lado isso tem significado um bom nível de preparação dos docentes com o desenvolvimento da disciplina, devido ao acúmulo de trabalhos e às inadequadas condições estruturais que muitas vezes encontram, tem gerado um desestímulo nesses na condução de suas atividades.

Nenhum dos docentes entrevistados enxerga sua atividade como fim, isto é, todos afirmam estar na função até obterem outras oportunidades que pode ser um emprego numa escola privada, no ensino superior (no último concurso para professor assistente de Fundamentos da Educação da UFCG, realizado em maio de 2009, 4 dos cinco candidatos eram professores do município, porém o aprovado foi um professor de Sociologia da UEPB, doutorando na UFPE) ou a continuidade de seus estudos em programas de mestrado ou doutorado.

Quanto às dificuldades apresentadas encontram-se as condições estruturais das escolas; “baixo” nível e desinteresse dos alunos; falta de projetos coletivos; além dos baixos salários.

Façamos um parênteses:

Por ser a segunda maior cidade do Estado com aproximadamente 400 mil habitantes, Campina Grande desfruta de uma condição especial como a referência econômica, política e cultural para as outras cidades do interior do Estado. João Pessoa, apesar de ser a capital, aparece como um local muito distante para a maioria dos habitantes da Paraíba. Isso tem uma origem histórica, pois Campina Grande foi durante muitas décadas o centro econômico do interior do Nordeste, só perdendo para Recife, essa sim “a” capital que construiu a identidade da região, como bem mostram diversos estudos sociológicos e históricos sobre a região.

“O Nordeste é gestado e instituído na obra sociológica de Gilberto Freyre, nas obras dos romancistas como José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz; na obra de pintores como Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres, etc. O Nordeste é gestado como o espaço da saudade dos tempos de glória, saudades do engenho, da sinhá, da Nega Fulô, do sertão e do sertanejo puro e natural, força telúrica da região.” (ALBUQUERQUE JR.,2006, p. 35)

Apesar desse quadro objetivamente ter se alterado e a cidade já não ter essa centralidade na vida econômica do Estado, pois várias iniciativas federais têm levado ao desenvolvimento de outros pólos, ela permanece como referencial, que é reforçado cotidianamente por empreendimentos identitários como “O Maior São João do Mundo”, ou o predomínio da elite política local no Estado.

Todo esse quadro leva a forte presença de uma população oriunda do meio rural, ou de cidades menores, nas escolas municipais, que também é apontado como problema por muitos professores, devido ao “desnível” dos alunos.

Os professores do município recebem um salário médio de 800 reais, já com gratificações. Com isso, a maioria dos docentes exerce outras atividades profissionais.

Os temas trabalhados são os mais diversos, desde “a origem da filosofia”, passando por liberdade, amor, até “saneamento básico” e “marketing pessoal”. Os materiais utilizados vão desde músicas populares, filmes norte americanos, textos de manuais de filosofia, revistas e jornais. Quando indagamos os professores sobre qual atividade tinham mais dificuldades de desenvolver e aos alunos, a que eles menos gostavam nas aulas, o item “leitura de textos” foi que contou com a quase unanimidade.

Desde o início da implantação da proposta há a realização de uma reunião mensal, organizada pela Secretaria de Educação, onde os professores podem trocar as suas experiências e realizar alguns planos em comum para sua ação. Essas reuniões são remuneradas e coordenadas por um professor de Filosofia da rede que tem essa responsabilidade. Ali são debatidos os problemas cotidianos, textos teóricos de educação e analisados alguns materiais didáticos. Porém, notamos o

esvaziamento da mesma durante a pesquisa, principalmente após a opção por um material didático padrão para as aulas de Filosofia.

Ao visitar as escolas, pudemos constatar realidades bem distintas, pois o público atendido varia de acordo com o bairro e período averiguado, em relação à situação econômica, faixa etária e até mesmo frequência às aulas. Em algumas escolas da periferia, os alunos só comparecem nas primeiras semanas para retirar os atestados para o desconto no transporte público e o recebimento da bolsa-família. Porém, na maioria das aulas de filosofia assistidas, não houve controle de frequência por parte dos professores. Indagados sobre como verificavam a presença dos alunos, afirmaram que os conheciam pessoalmente e/ou que a maioria deles aparecia na maioria das aulas e no período de avaliações o que já era suficiente.

A dificuldade mais presente entre os alunos é relacionada à capacidade de expressar-se seja oralmente e, principalmente, por escrito, o que gerou inclusive alguma dificuldade para a interpretação dos questionários aplicados, devido aos inúmeros erros gramaticais e ortográficos encontrados nas respostas.

Nota-se uma baixa-estima, principalmente nos alunos do noturno, fruto das condições objetivas em que vivem, mas também de uma auto-imagem reforçada cotidianamente sobre o nordestino⁴, oriunda daquelas manifestações ainda dos anos 30 do século passado, que construiram uma cultura da “vitimização” dos indivíduos dessa região. Isso pode ser observado nas relações políticas, onde muitas vezes ainda se espera a presença de um “pai salvador” para amenizar as durezas das relações econômicas e sociais, que leva a permanência de certos grupos familiares no comando da política local e da própria popularidade de Lula que, para além das políticas econômicas e sociais efetivamente implantadas que tem gerado transformações econômicas importantes na região, tem sua imagem associada a esse modelo. De outro lado, essa mesma auto-imagem cai por vezes num discurso quase que xenófobo, ao forçar uma hiper valorização de um pseudo regionalismo, hoje apresentado na forma de produtos da indústria cultural, quase que transformando “a

⁴ "A imagem projetada da região era a caatinga ressequida, a indefectível carcaça de um boi e os retirantes, magros, com seus poucos pertences entrouxados e equilibrados sobre a cabeça. Eram as 'vidas secas' de Graciliano Ramos, cujo protesto contra a ordem social injusta era sufocada no cárcere, enquanto a imagem de sofrimento era apropriada e usada politicamente." (CASTRO, 1992, p.59)

miséria em virtude”, como diria Adorno. Em ambos os casos o espaço para uma reflexão e uma ação crítica torna-se muito reduzido.

Uma das conseqüências que nos parece mais grave nesse fenômeno são os pequenos limites dos sonhos dos alunos que atinge o limite máximo de “passar” em algum concurso⁵, pois o emprego público continua sendo a grande meta em áreas tão díspares que vão de carcereiro, coveiro, professor, bancário ou qualquer atividade que apareça como promessa de fuga da miséria e estabilidade – mesmo na pobreza – pelo resto da vida. Outra realidade encontrada é o grande número de jovens alunas gestantes ou com filhos, revelando que uma face onde as mulheres, apesar de todas as conquistas objetivas em relação à sua emancipação, continuam sendo vítimas e reprodutoras de uma cultura machista que se mostra no alto índice de gravidez e casamentos na adolescência, nos limitados sonhos de vida e na violência cotidiana por que passam.

Essas questões não parecem ser enfrentadas pela maioria dos professores⁶ que costumam tratá-las de maneira generalista, discutindo “conceitualmente” temas como liberdade, preconceito, amor, com textos, músicas e filmes que pouco dizem da realidade local. Note-se que, se comparada à prática dos professores de língua portuguesa, onde há uma ênfase na temática regional, as aulas de filosofia parecem andar muitas vezes, “nas nuvens”.

No entanto, de um modo geral, os alunos aparentam gostar das aulas de filosofia, muitos até apontando como um ponto negativo a pequena carga horária da disciplina no currículo. Alguns alunos peculiarmente apontaram como o fator que menos gostam nas aulas de Filosofia é “quando o professor falta”.

Nas observações das aulas, eles não demonstraram timidez com a presença dos pesquisadores, mas poucos tem uma participação efetiva nas aulas, mesmo quando instigados pelos professores.

Foi comum, no período estudado, o atraso para a entrada nas aulas, principalmente no noturno, pelo fato da merenda ser distribuída pouco antes do

⁵ Mesmo que apelando para as intrincadas relações de apadrinhamento ainda vigentes no espaço público, chamadas de “arrumadinho”, na gíria local.

⁶ Claro que não desconhecemos os limites para romper as tradições históricas que produzem as dificuldades para o enfrentamento dessas questões. Mesmo na universidade são poucas e localizadas as iniciativas nesse sentido.

primeiro horário. Geralmente o professor inicia as suas aulas com os alunos ainda com seus pratos de comida na sala.

Em relação às escolas, são poucas as que tem projetos coletivos autônomos. Na maioria das vezes os professores apenas reproduzem os projetos indicados pelos gestores municipais, como prevenção às drogas, à dengue, semanas temáticas, empreendedorismo, etc.

Quando há iniciativas nesse sentido, as questões da prevenção à violência e o desenvolvimento da leitura são as mais trabalhadas. Destaque-se que quase sempre essas iniciativas partem dos diretores escolares e raramente dos próprios professores.

Em poucas escolas há bibliotecas e, mesmo nessas, a frequência espontânea é muito baixa. Não vimos nenhum professor de filosofia levar seus alunos a esses espaços. Quando indagados sobre o porquê dessa ausência, a maioria respondeu que isso ocorria devido à baixa carga horária da disciplina, deixando para os professores de português tal incumbência.

Apesar de todas as escolas possuírem laboratórios de informática, em apenas uma o professor a utilizava com frequência. Na maioria dos casos, apesar de possuírem computadores em casa, há uma resistência e/ou dificuldade dos professores em trabalhar com esses recursos.

Dos alunos entrevistados, setenta por cento não possuíam computadores em casa, sendo que se utilizam dos serviços de "lan houses", muito comum na cidade. As páginas mais acessadas são as de relacionamento como MSN, Orkut, Facebook e, recentemente, o Twitter. Quando solicitado a realizar "pesquisas escolares", costumam acessar o "primeiro site que encontram no Google" (palavras deles), simplesmente copiando seus conteúdos.

Os recursos áudio visuais, porém, são muito utilizados pelos professores de Filosofia, com a audição de canções populares (com ênfase na análise das letras) e exibição de filmes que procuram reforçar os conteúdos trabalhados. Os mais citados foram "Amistad", "Sociedade dos Poetas Mortos" e "Cidade de Deus". Os alunos indicam que gostam dessas atividades, pois apenas 30% disseram ir ao cinema com frequência (não especificada), fenômeno que é atribuído ao alto preço e localização

dos cinemas (apenas no shopping center) e a facilidade de compra dos filmes nos camelôs para aparelhos de DVD, vendidos em média a dois reais.

Os temas mais trabalhados, segundo os professores, são os relacionados à "Ética", seguidos por "Política" e "Lógica". O tema "racismo" foi predominantemente trabalhado nas escolas da periferia, onde se "esconde"⁷ a população negra da cidade. A questão de gênero, muito importante numa sociedade altamente marcada pelo machismo que se observa no cotidiano escolar, não foi apontada por nenhum docente como tema a ser abordado.

Outra característica observada foi a forte presença de alunos protestantes e evangélicos, o que aliás também pode ser notado nos cursos de graduação em Filosofia no estado, que tem sido cada vez mais procurados por alunos de diversas denominações, inclusive por muitos pastores e líderes religiosos, alterando uma tendência histórica de predominância católica nos cursos de Filosofia. A presença desses alunos é notada com preocupação por alguns professores de outras religiões ou ateus, como um "limite" ao desenvolvimento pleno das aulas, pois vários temas não conseguem ser desenvolvidos a contento pela reação "dogmática" dos alunos.

Ora, interrompendo um pouco o relato descritivo da pesquisa, acreditamos que essa é uma tendência presente nas novas formas de manifestação religiosa desenvolvida nos últimos anos em nosso país, não só por parte dos protestantes, mas também nas igrejas católicas e de outras denominações. As celebrações abandonam pouco a pouco uma lógica da reflexão, onde a ênfase era dada no momento do sermão, ou das reflexões do líder e passa a ser localizada nos momentos do canto, sempre com canções com motivos emocionais; da oração, onde se nutre um pretense contato com o além, que se manifesta em sessões de exorcismo; e a expressão em "línguas", não para comunicação com o outro, mas com o "além". Mais do que tudo isso, o que nos parece mais grave é a referência aos praticantes de outras religiões como os "inimigos" a serem vencidos, gerando uma cultura da intolerância e do autoritarismo, transferidos para a sociedade e para a sala de aula.

⁷ As origens da questão racial no estado são tratadas de maneira brilhante no livro "Gente negra na Paraíba oitocentista: população, família e parentesco espiritual" de Solange Pereira da Rocha. São Paulo: editora da UNESP, 2009.

Um caso pode servir de exemplo para ilustrar as nossas reflexões. Ao chegar uma noite em uma escola para entrevistar os alunos, encontrei-os indignados com o que chamavam de "autoritarismo" e "desrespeito" do professor ao seu credo religioso. O referido professor havia dito, ao ser indagado pelos alunos, que era ateu e que não acreditava em Jesus Cristo como filho de Deus. Isso se deu durante uma aula em que se discutia sobre o aborto, animada pela recente excomunhão de uma mãe pela diocese de Recife, que praticara aborto com o auxílio médico. Interessante, porém, foi notar que durante as aulas anteriores em que estivemos presentes, os alunos iam vestidos com camisas ilustradas com dizeres e símbolos cristãos e seus cadernos eram repletos de frases como "Jesus te ama" e "Deus é amor". Indagamos aos alunos o porquê de tanta indignação já que se eles podiam manifestar abertamente sua opção religiosa e defendê-la, porque o professor não poderia fazê-lo. A grande dificuldade encontrada foi que eles compreendessem que o "não acreditar em Deus", também era uma postura possível e não absurda, como a maioria acreditava. Porém, apesar de tê-los demovidos de sua "fúria" contra o professor, acreditamos que não conseguimos fazê-los compreender nossas reflexões sobre o ateísmo.

Nenhum aluno evangélico, porém, apontou alguma diferença no tratamento dado a eles nas aulas de Filosofia, se comparadas às outras disciplinas. A ressalva é que, para eles, alguns professores "não respeitam" as suas manifestações religiosas, mas isso não é exclusividade dos professores de Filosofia.

Como último dado a ser apontado, os professores, de um modo geral, demonstraram não ter conhecimento sobre a maioria dos livros e artigos produzidos sobre o ensino de Filosofia⁸, demonstrando-se surpresos quando postos em contato com o extenso volume de trabalhos existentes. Outra queixa foi a da ausência de materiais didáticos para esse nível escolar, sendo que a maioria procura fazer adaptações dos manuais de ensino médio, ou utilizar outros recursos como revistas e jornais, além dos já citados acima.

⁸ Destaque-se a exceção de uma professora, mestre em educação, que já havia sido substituta na Universidade Estadual da Paraíba e responsável pelas disciplinas de prática pedagógica no curso de Filosofia

Uma das tarefas que procuramos realizar com os alunos de estágio⁹ foi que eles socializassem esses materiais com os professores, disponibilizando-os em forma de cópias ou referências, quando solicitados o que gerou bons resultados.

Por fim, queríamos agradecer a atenção de alunos e professores que nos atenderam muito solicita durante o processo de obtenção desses dados, o que nos possibilitou uma pequena amostra de toda a riqueza dos processos desenvolvidos dentro do cotidiano escolar de Campina Grande.

Bem, esperamos não ter cansado nossos leitores, com essa apresentação de informações sobre uma pequena realidade social em algumas escolas do interior do Brasil. Porém, após mais de uma década de participação nos encontros e discussões sobre o ensino de Filosofia, gostaríamos de terminar com um ponto apresentado no início desse texto, que é o da necessidade de desenvolvermos novas pesquisas e projetos que, nascendo das inúmeras experiências particulares, ambicionem, dialeticamente, a construção de reflexões e práticas mais universais, no sentido de fortalecer os espaços de inclusão da filosofia, enquanto disciplina escolar. Não como "camisa-de-força", mas como referências que retornem após essa mediação para as práticas locais, que ofereçam a possibilidade de ampliar a consolidação da filosofia e, na universidade, possibilitar uma formação do licenciado para além dos cânones tradicionais, como tarefa fundamental nesse momento.

Diferentemente de outros períodos de nossa história, o sucesso ou o fracasso de nossa presença, não se dará por culpa do FMI, do Banco Mundial, ou de algum ditador ou governante, mas de nossa capacidade de produzir um conhecimento que se justifique enquanto auxiliar na formação mais ampla de nossos jovens e no enfrentamento de seus desafios nas capitais e nos mais distantes "sertões" desse país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BEAUVOIR, Simone. *Para qué la acción?* Tradução de Juan José Sebreli. Buenos Aires: La Pléyade, 1972.

⁹ O trabalho dos alunos de Filosofia nas atividades de estágio será tratado em estudo posterior.

CASTRO, Iná Elias. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1992.

CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2009.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo nordestino*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009. Edição fac símile.